



■ Rosa Suzana da Rocha, 87, é a índia tremembé mais velha da localidade de Capim-Açú, onde sem-terra e índios disputam área

Índios e sem-terra disputam área

Os índios tremembés e agricultores ligados ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) disputam área no distrito de Capim-Açú, em Itarema. Famílias indígenas habitantes do distrito

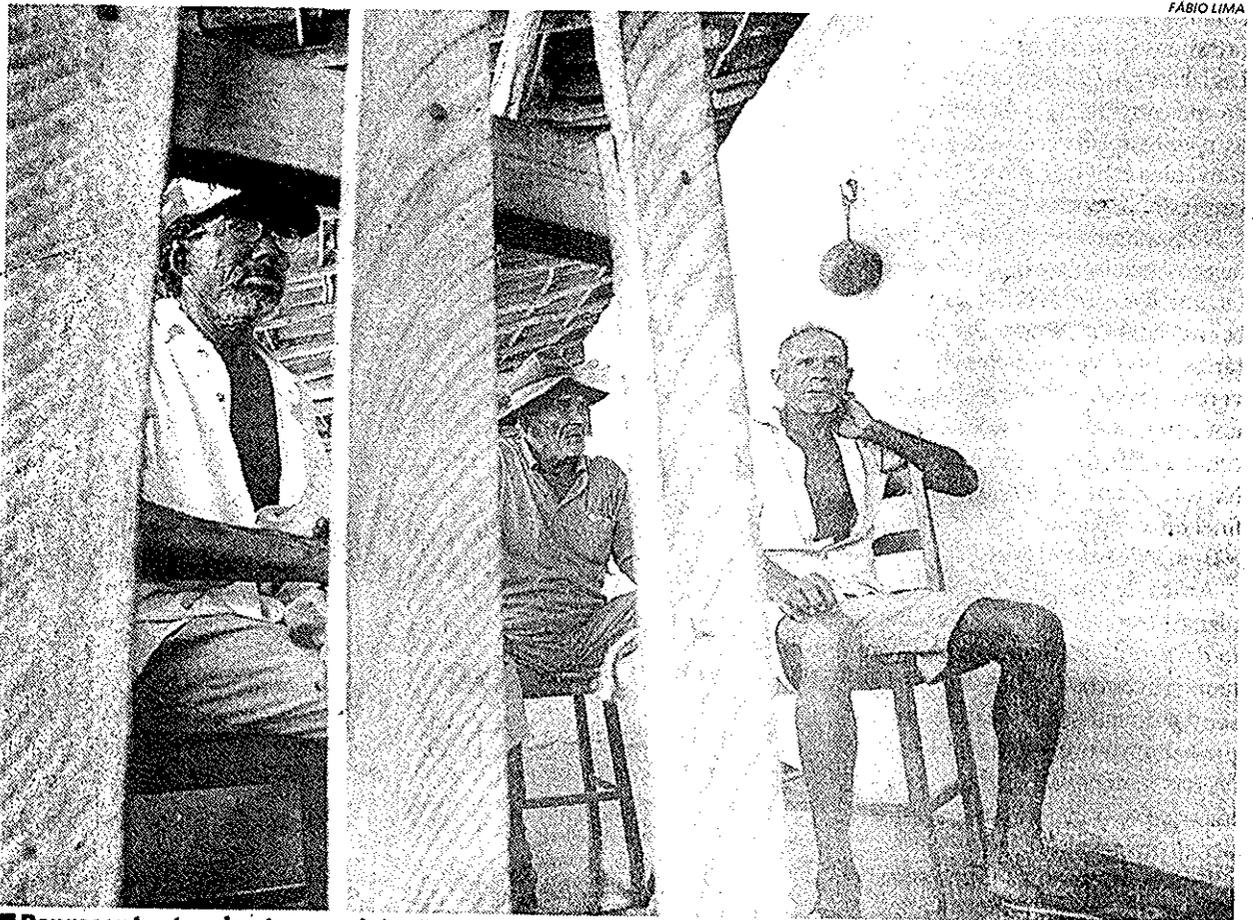
denunciaram os conflitos à Funai, ao Incra, à Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão no Ceará e à Polícia Federal. Elas alegam que com a desapropriação da terra, a partir de 1988, a prioridade passou a ser

dos assentados. O assessor do Incra, Aristides Braga Monte, diz que as famílias indígenas foram chamadas para participar do assentamento, mas não quiseram ficar subordinadas ■ 17A

Índios tremembés

e sem-terra

disputam área em Itarema



■ Representantes dos tremembés dizem que, com a desapropriação, a prioridade passou a ser dos assentados

Tremembés denunciam
trabalhadores sem-terra, que
teriam invadido a área de
Capim-açú, em Itarema ■

RITA CÉLIA FAHEINA

Da Editoria de Cidades

Os conflitos na área de Capim-açú, distrito de Itarema, a 276 quilômetros de Fortaleza, onde habitam os índios tremembés, já duram 45 anos. Na década de 50 foi com o fazendeiro Moacir Sales Moura, segundo lembra o índio Pedro Teixeira Barbosa, e mais recentemente, com os "trabalhadores sem-terra e o Instituto de Colonização e Reforma Agrária (Incra)". As famílias Teixeira e Susano da Rocha alegam que com a desapropriação da terra, a partir 1988, a prioridade passou a ser dos assentados.

"O Incra desapropriou, só que não entendeu o nosso sofrimento e assentou os agressores dentro da nossa área (2.640 hectares). Enfrentamos muitas dificuldades e até hoje nossa terra nem ao menos foi oficializada pela Fundação Nacional do Índio (Funai) como terra indígena", reclama Pedro Teixeira Barbosa, 70, que junto aos representantes de 16 famílias habitantes do distrito, denunciaram os conflitos à Funai, ao Incra, à Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão no Ceará e

idades

à Polícia Federal no Ceará.

De acordo com Algustinho Teixeira Barbosa, 61, irmão de Pedro, a perseguição dos trabalhadores sem-terra aumentou nos últimos meses. "São feitas cercas nas propriedades, impedindo a entrada dos índios e existem ameaças para a desocupação da terra. Querem tomar toda a propriedade". Algustinho lembra que desde 1954 que o índio Joaquim Teixeira Cardoso habita Capim-açú com a família.

"Ele começou a fazer benfeitoria neste local, plantando bananeiras, mangueiras, mamoeiros, canavial e outras. Mas começaram as invasões dentro do aldeamento e os anos de sofrimento dos índios não acabaram mais. Tivemos esperanças com a desapropriação da terra, mas as agressões continuaram e agora a gente quer saber do Incra: Por que está dando o mesmo direito aos agressores como que fosse o fazendeiro. Por que a família Teixeira está sendo ameaçada, com eles cortando os arames das cercas e destruindo o que é da nossa família?", indaga Algustinho. Pedro Teixeira completa "Os sem-terra são mais fortes e o Incra só olha por eles".

ANOS DE SOFRIMENTO



■ MAIS VELHA

Rosa Suzana da Rocha, 87, é a índia tremembé mais velha de Capim-açu. Ela ainda lembra do que sofreu na década de 60, mas tem dificuldades em falar.

"Invadiram sua casa e cortaram as madeiras da casa de farinha", diz o sobrinho Pedro Teixeira.



■ DESCASO

José Agostinho dos Santos, 61, o Patriarca, diz que "a Justiça é culpada pelo sofrimento dos índios. Existe um descaso com a gente". Com problemas no pulmão, ele emociona-se quando tem nos braços a bisneta Emiliane, 2 meses.



■ SEM PAZ -

Maria Procópio da Rocha, 61, é filha de Rosa Suzana. Mesmo depois de quase 30 anos, ela recorda o sofrimento que passou. "O Raimundo de Paula (o marido) trabalhava plantando na vazante, quando o Moacir (fazendeiro Moacir Sales Moura) foi na minha casa com um bocado de homens e disse que ia tirar todo o telhado. Não respeitou nem a nossa filhinha que estava doente. Quando eu vi foi os gritos da criança que estava coberta de poeira. Por causa disso, ela morreu", conta e chora.

Comunidade vive da pesca e agricultura

O cacique do aldeamento de Almofala, Francisco Marques do Nascimento, o João Venâncio, 43, diz que vive com "a eterna preocupação das invasões feitas pelos brancos". Antes, eram donos de 4.900 hectares, "mas já perdemos metade desse total". Diz ele que, segundo o último levantamento feito pela Funai, há sete anos, foram identificados 3.500 tremembés que habitam ainda as localidades de Barro Vermelho, Panan, Passagem Rasa, Varjota, Tapera e Batedeira.

Essas comunidades vivem, basicamente, da pesca e da agricultura. Porém, nos últimos meses, começaram a obter alguns benefícios nas áreas de educação e saúde. Com a coordenação da Secretaria da Educação Básica, foi inaugurada a escola diferenciada que assiste a todas as crianças em idade de frequentar salas de Ensino Fundamental. Elas são alfabetizadas e orientadas quanto às tradições indígenas.

A Fundação Nacional de Saúde (FNS) também presta assistência no aldeamento, com relação às vacinas, prevenção de doenças e higiene ambiental. Próximo às habitações feitas de taipa, instalou kits sanitários e os agentes de saúde visitam as famílias para dar orientações. "Hoje a gente

luta pelo o que já era nosso por direito. Almofala, a terra dos Tremembés, foi invadida e dominada pelos brancos. Agora só queremos que seja feita a demarcação".

■ O presidente da Cooperativa Central das Áreas de Reforma Agrária do Ceará, Francisco de Assis Gomes da Silva, diz que, em Capim-açú, a família Teixeira não quer trabalhar com os assentados. "Já conseguimos a construção de casas, dois custeios agrícolas, mas entre as 46 famílias, só os Teixeiras não se engajam no processo de organização".

O assessor do Incra, Aristides Braga Monte, que acompanha o assentamento de Capim-açú desde 1995, diz que lá existem divergências antigas. "Chamamos os Teixeiras para participar da associação dos assentados, mas eles não querem ser subordinados. O Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), a Cooperativa e o Incra não são contra eles. Eles é que se colocam contra as construções de casas e resistem a participar das discussões sobre as propostas de investimento no assentamento". Segundo Aristides, os Teixeiras usam a questão indígena: "Se eles são índios, todos os outros também são".